UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

JORNALISMO

ENRICO ZIOTTI

RELATÓRIO DO PRODUTO MULTIPLATAFORMA: JORNALISMO EM PANE

RIBEIRÃO PRETO

2021

ENRICO ZIOTTI

RELATÓRIO DO PRODUTO MULTIPLATAFORMA: JORNALISMO EM PANE

Projeto de produto em comunicação entregue para obtenção de parte da nota na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientação: Prof.ª. Ms. Flávia Cortese Martelli

RIBEIRÃO PRETO

2021

RESUMO

O jornalismo televisivo é marcado por constantes mudanças para acompanhar o avanço tecnológico. A pandemia do novo coronavírus fez com o *modus operandi* do jornalismo tradicional se adaptasse mais rápido do que nunca. A importância dessas adaptações para a sociedade é imensurável, já que a televisão ainda tem um papel essencial de informar e entreter a população. O avanço da pandemia e da quarentena ao redor do mundo trouxeram problemas sem precedentes. De acordo com pesquisa feita pela Escola de Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), criada em 2003 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), pelo menos 70% dos jornalistas trabalharam em *home office* durante esse período conturbado. Esses e outros entraves, como a impossibilidade de aparecer presencialmente em certas ocasiões, acabaram por mostrar novas formas de produção em televisão. Um exemplo disso é a entrevista produzida à distância; método pouco usado antes da pandemia, mas que hoje em dia, tudo indica, não será deixado de lado quando o mundo voltar "ao normal". O presente trabalho foi desenvolvido com base em depoimentos de diferentes jornalistas de emissoras distintas na cidade de Ribeirão Preto, para encontrar padrões adotados no jornalismo televisivo de forma geral. Desta forma, buscou-se compreender de que forma os profissionais continuaram o trabalho diário e sem descanso, já que nenhum telejornal parou suas atividades por causa da pandemia do Coronavírus. Pelo contrário, os jornalistas trabalharam ainda mais nesse período. Tendo como base todas as entrevistas realizadas para esse projeto multiplataforma foi possível identificar muitas semelhanças na forma que o jornalismo televisivo se adaptou em diferentes situações e que muitas práticas adotadas durante a pandemia vão se manter após a vacinação geral da população e o fim da pandemia.

Palavras-chave; jornalismo, televisão, pandemia, coronavírus, televisivo, quarentena, TV.

ABSTRACT

Television journalism is marked by constant changes to keep up with technological advances. The new coronavirus pandemic has made the *modus operandi* of traditional journalism adapt faster than ever. The importance of these adaptations for society is immeasurable, as television still plays an essential role in informing and entertaining the population. The spread of the pandemic and quarantine around the world has brought unprecedented problems. According to a survey carried out by the School of Research Center for Communication and Work (CPCT), created in 2003 at the School of Communications and Arts of the University of São Paulo (ECA-USP), at least 70% of journalists work in a home office during that troubled period. These and other obstacles, such as the impossibility of appearing in person on certain occasions, ended up showing easier ways to do what was already done. An example of this is the distance interview; a method used before the pandemic, but nowadays, everything indicates that it will not be left out when the world returns "to normal". The present work was developed based on different journalists from different stations to find standards adopted throughout television journalism and how professionals continued their daily work without rest, since no newspaper stopped its activities because of the virus. On the contrary, journalists work even harder during this period. Based on all the interviews carried out, it is possible to identify many similarities in the way that journalism has adapted to different situations and that many customs adopted during the pandemic will be maintained after the general vaccination of the population.

Keywords; journalism, television, pandemic, coronavirus, television, quarantine, TV.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **5**
1. DETALHAMENTO TÉCNICO **8**
1.1 ENTREVISTADOS 9
2. SINOPSE FINAL **10**
3. ROTEIRO FINAL **10**
3.1 Podcast 10
3.2 Vídeo 12
4. CRONOGRAMA **14**
5. RELATO DE PRODUÇÃO **15**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **18**
REFERÊNCIAS **20**
APÊNDICES **21**
ANEXOS **43**

APRESENTAÇÃO

Apesar de a televisão ser um meio de comunicação extremamente popular no Brasil,os primeiros passos deste tipo de mídia não eram voltados ao popular. “A televisão foi considerada, durante os dez primeiros anos de sua inserção no Brasil, como um artigo de luxo. Não era raro, naquela época, pessoas irem assistir à programação na casa de vizinhos, amigos ou parentes” (PONTES, 2007, p. 10).

Mesmo com essa caminhada devagar ao público brasileiro, a televisão, desde os primórdios no Brasil, tinha grande influência e poder político. Durante a Ditadura Militar (1964-1985), as emissoras autorizadas pelo governo tinham total censura e controle de programação. “Durante a ditadura, a TV era considerada um serviço de interesse nacional e sua exploração comercial era permitida apenas para atender o objetivo de fortalecimento da moral nacional” (JAMBEIRO, 2002, p. 82).

Após o período ditatorial, a livre imprensa televisiva caminhou a passos largos para se tornar a maior fonte de informações e de influência cultural no Brasil. Durante os anos 90, a TV ditava os sucessos de todos os braços do entretenimento.

> Uma emissora sozinha é responsável por metade da bilheteria dos filmes nacionais produzidos a partir da década de 1990”. Um livro adaptado para a TV vende o que não venderia em décadas, uma música triplica a venda de um CD se incluída na trilha sonora de uma novela. Negócios dos negócios, a TV dita moda, faz a festa e tudo transforma em filhote do mercado televisual. (JUNIOR, 2002, p. 53)

A influência até então inquestionável da mídia televisiva teve uma reviravolta curiosa, irrefreável e rápida: a difusão da tecnologia na casa dos brasileiros. Com o início devagar do acesso à internet no Brasil, as mídias usavam o mundo digital apenas para o acervo de conteúdos produzidos especificamente para a televisão. A partir da introdução de *smartphones* na sociedade e a popularização das redes sociais como *Facebook, Instagram* e *Twitter*, o jornalismo teve que se reinventar.

> Nas décadas de 60 a início de 90, uma entrada ao vivo de jornalismo implicava em grandes deslocamentos de equipamento e pessoal, com preparação e organização de produção bastante complexa. A mobilidade dos equipamentos permitiu ao jornalismo mostrar ao telespectador qualquer acontecimento, em praticamente qualquer localidade, com agilidade e qualidade. (BALAN, 2012, p. 21)

A estratégia tomada pelas emissoras foi criar conteúdos voltados para cada uma das mídias sociais e não uma reprise da programação televisiva. O jornalismo tradicional abriu diferentes braços para voltar a ser a fonte de informação mais consumida no Brasil. Nesse

movimento de criação de conteúdos diferentes para serem mais aceitos e atingirem o máximo de pessoas possível, nasce o conceito de convergência midiática, sociedade em rede e cibercultura. "A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas." (LÉVY, 1999, p 28). Agora, o telespectador interage com a mídia e não permanece de maneira passiva. Essa interação, inclusive, é o que traz os acessos eas interações do público.

> A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema — interagindo a partir de múltiplos pontos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível — muda de forma fundamental o caráter da comunicação (CASTELLS, 1999, p 414)

Com o avanço da tecnologia, a sociedade em rede transformou o jornalismo. Interagir com o público se tornou importante para que o consumo continue. Fato é que emissoras televisivas continuavam a considerar a televisão o "carro chefe" de todos os outros conteúdos produzidos. Por outro lado, a forma clássica de fazer jornalismo, no que se refere à procura de fontes, entrevistas e apuração de fatos, mudou com o inevitável crescimento inevitável da tecnologia. Antes, a presença dos jornalistas no local era obrigatória e entrevistas feitas pela internet eram em casos extremos. Após a evolução das tecnologias e mídias sociais, junto ao avanço da pandemia do novo Coronavírus, a mídia se viu impedida de comparecer fisicamente em todos os locais. Hoje, por medidas de segurança, não é novidade entrevistas com pessoas que anteriormente seriam convidadas para o estúdio e hoje concedem depoimentos online, através de plataformas de reuniões online, como *Zoom, Google Meets* e *Skype*.

> A reportagem passa a ser reinventada à distância, sem meios de apuração presencial, os recursos que estão disponíveis passam pela internet e, assim, o repórter afirma: "Impedimento à apuração em campo." E há mesmo todo um exercício para manter pelo menos o mínimo de atividades presenciais, com todos os cuidados necessários (FIGARO, 2020, p 32)

E diferentemente de uma evolução feita para uma necessidade de mercado, a presença de mídias sociais ocorreu para que as produções continuassem. A introdução do *homeoffice* deuma redação que costumava estar lotada, com vozes de todos os lados, e as entrevistas online feitas em massa ao invés de repórteres entrando em locais e casas de cidadãos foi um choque para o mundo jornalístico. Para Jenkins (2009), a convergência de mídias, que antes tinha o objetivo de aproximar o espectador e chegar em locais que não assistem mais televisão, agora tem como objetivo complementar e fazer levantamentos que, muitas vezes, por conta das limitações causadas pela pandemia, ficariam incompletos somente com o jornal televisivo.

"Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor" (JENKINS, 2009, p. 142).

Por tratar-se de um fato ainda em andamento, a compreensão desse fenômeno ainda é um desafio e, pensando nisso, que o site foi criado e vai trabalhar com multiplataformas para atingir diferentes públicos e construir diferentes narrativas. Desta forma, vamos retratar realidades de diferentes emissoras regionais para entender como essas lidaram e ainda lidam com o constante desafio de fazer jornalismo num momento de pandemia.

O objetivo deste projeto de pesquisa foi criar um produto multiplataforma que contém informações em texto digital, vídeo, podcasts e fotos sobre a produção do jornalismo de TV em tempos de pandemia, com foco nas redações de Ribeirão Preto. O projeto buscou conhecer e identificar o desenvolvimento da convergência na área do telejornalismo e saber de que forma está auxiliando na adaptação do jornalismo televisivo neste momento de pandemia da Covid-19.

O Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), criado em 2003 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), coletou dados sobre os jornalistas durante a pandemia da Covid-19. Segundo a coordenadora da pesquisa, Roseli Figaro (2020), a situação é crítica tanto no que se refere ao mercado de trabalho como também na questão psicológica do profissional. Para ela,

> Um quadro bastante dramático para o mundo do trabalho dos comunicadores: demissões, contratos precários, rebaixamento salarial, densificação do trabalho, todo tipo de estresse, além do quadro de incertezas sobre o futuro (FIGARO, 2020, p.10)

Ainda segundo a pesquisa realizada no ano de 2020 e nomeada de "Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da covid-19?", pelo menos 70% da classe está trabalhando em *home office* atualmente. A restrição de pessoas no mesmo espaço físico dificulta a apuração das notícias que, apesar de já serem feitas por telefone e aplicativos de conversa, ainda contava muito com a presença do profissional no local para furos e informações exclusivas. O estudo inicial do CPCT sobre o tema foi promovido no começo do distanciamento social e reuniu 557 participantes de todo o país e do exterior, mas há ainda muito a ser pesquisado sobre a temática, já que ainda se vivencia o problema nas redações jornalísticas.

Diante desta realidade, este trabalho buscou reunir informações atualizadas acerca da atividade jornalística durante a pandemia nas redações de televisão no interior de São Paulo,

na cidade de Ribeirão Preto, e assim, conhecer como a situação atual vem impactando as produções locais. O trabalho busca também compreender de que forma a convergência de mídias está colaborando para a adaptação do trabalho neste momento. A escolha do tema se deve majoritariamente pela importância da mídia televisiva para a informação em massa no período da pandemia. A evolução para a era digital fez as emissoras se adaptarem à nova realidade de redes sociais e, por isso, a convergência de mídia tem sido a nova estratégia para o jornalismo tradicional atingir o máximo número de pessoas.

O produto midiático escolhido será um site para a veiculação de todo o trabalho de pesquisa, que será realizado por meio de texto digital, *podcasts*, vídeos e fotografias. Por se tratar de uma temática que está ocorrendo no momento de pandemia, ainda carece de fontes bibliográficas que abordam o tema, por isso, este trabalho tem uma grande importância em reunir todo esse conteúdo que está sendo vivenciado por jornalistas nas redações de televisão em Ribeirão Preto e que refletem a realidade de outras redações no país.

A escolha do produto multimídia, por sua vez, foi feita pela preocupação de atingir o máximo de público possível e atrair discussões a respeito do tema, que manterão as informações relevantes mesmo após serem concluídas. De acordo com Jenkins (2009, p.30), "no mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia." Para o autor, a importância da multiplataforma está na forma que ela proporciona debates e conclusões que nunca seriam descobertas numa única mídia. Graças à inteligência coletiva, a própria interação do público se torna extensão do produto multimídia.

1. DETALHAMENTO TÉCNICO

O público alvo eram jornalistas, estudantes de jornalismo e internautas que se interessam pela temática. Além disso, já que o atual momento do jornalismo impacta diretamente milhões de pessoas, o tema torna-se relevante para todos que possam se interessar em saber quais são as expectativas para o futuro do meio midiático.

A ideia do site era entrevistar especialistas/jornalistas da área televisiva para tratar sobre a temática da adaptação da produção do jornalismo de TV durante a pandemia. Os conteúdos privilegiaram os processos de adaptação do jornalismo televisivo durante esse período, aglutinando informações e exemplos de diferentes redações de TV.

O objetivo principal foi criar um espaço (site) que seja possível ter informações atualizadas sobre experiências de jornalistas em diferentes plataformas, como Instagram, para promover os produtos, Spotify para as entrevistas em áudio, Youtube para vídeo e o site para

texto e junção de todas entrevistas realizadas. Promoveu debates acerca dos entraves da televisão e quais atividades adotadas durante esse momento vão prevalecer após o fim da pandemia.

Fazer coberturas jornalísticas sobre os impactos que a pandemia teve no jornalismo televisivo, a questão do *homeoffice* nesta área e como diferentes emissoras lidaram com os entraves. Também vamos falar sobre as consequências que a pandemia trouxe para as pautas abordadas pelos jornais televisivos.

No site, foi possível acompanhar de perto a preocupação de quem está na linha de frente no jornalismo televisivo durante a pandemia mundial e quais impactos a pandemia trouxe para os apresentadores. As redações de TV em Ribeirão Preto afiliadas de grandes emissoras foram observadas par refletirmos assim, a realidade do país. No caso da região de Ribeirão Preto, por tratar-se do interior do estado, por vezes a estrutura das emissoras locais ou afiliadas recebem determinações das emissoras das capitais.

Por isso, os protocolos de segurança contra a pandemia e como lidar com a situação do vírus de forma geral acaba padronizado pelos núcleos dessas emissoras. Pautas a esse respeito foram feitas, mostrando como cada emissora realizou seus protocolos e adaptações nas redações.

1.1 ENTREVISTADOS

Aline Pinheiro: Produtora e pauteira da Record Interior. Trabalhou na TV Clube por oito anos, foi para EPTV e passou um tempo trabalhando em assessoria. A partir de abril de 2021, voltou para o jornal televisivo através da Record.

André Costa: Apresentador e repórter do Jornal da Clube Primeira Edição. Está na TV Clube há sete anos, começou como repórter, até que surgiu a oportunidade em uma adequação que a emissora fez de assumir a apresentação do jornal da 1ª edição. Então, hoje é responsável pela apresentação da 1ª edição do jornal, mas continua na reportagem quando precisa ou aos fins de semana quando não está na apresentação. Antes da Clube, começou no rádio, em 2010 para 2011 n a Difusora, depois para a Imperador e entrou para a Clube em 2014.

Juliana Malaguti: Produtora da TV Thathi. Trabalha na Thathi há quatro anos, quando começou foi para fazer produção para alguns programas educativos, nesse meio tempo, a TV Thathi teve uma mudança e o grupo comprou uma concessão da NET, então passou a ser supervisora de produção.

Lucieli Dornelles: Editora de texto e apresentadora do EPTV Primeira Edição. Está na EPTV há mais de 11 anos. Nascida em Pelotas, no Rio Grande do Sul, começou a trajetória em 2010 como repórter. Em 2014, ficou responsável pela apresentação do EPTV 1ª Edição, hoje renomeado para EPTV1. Continua como editora de texto e é responsável pelo andamento do jornal que apresenta.

Tiago Valentim: Editor de texto, apresentador e repórter da Record no Balanço Geral. Nascido em Limeira, começou nas TVs locais ajudando desde atender telefone até passar o *teleprompter,* Entrou no grupo Record em Limeira na época da Rede Família, em 2006. Já são 15 anos no grupo. Depois disso, fez testes para Bauru e ao mesmo tempo para Record de Ribeirão Preto e Franca e hoje está no Balanço Geral.

Sérgio Trindade: Jornalista, gerente da EPTV em Ribeirão Preto. Tem 25 anos de EPTV. Começou na pauta, depois foi para chefe de reportagem, chefe de redação e hoje é gerente de jornalismo, antes disso, se formou PUC de Campinas e começou a trabalhar ainda na faculdade em algumas rádios da cidade, foi revisor de texto no Diário do Povo, e depois diagramador no Correio Popular. Depois veio para Ribeirão Preto para iniciar a trajetória na EPTV.

2. SINOPSE FINAL

Esse site/blog busca trazer informações atualizadas diretamente das redações de televisão na cidade de Ribeirão Preto, interior paulista, para revelar e informar como as atividades dos jornalistas televisivos tiveram que ser adaptadas no momento da pandemia. Especialistas da área serão entrevistados para trazer suas experiências relatando suas dificuldades e acertos para que a informação chegasse ao público.

3. ROTEIRO FINAL

3.1 Podcast

Podcast de 8 minutos	**As mudanças na pandemia com Aline Pinheiro e Juliana Malaguti**

Enrico Ziotti:	Esse podcast faz parte do trabalho de conclusão de curso multiplataforma chamado Jornalismo em Pane. A pandemia do novo coronavírus mudou a forma de se fazer jornalismo. Costumes de entrevistas presenciais foram colocados de lado devido ao distanciamento social e agravamento dos casos. Mesmo assim, os jornais não pararam nenhum segundo nesse momento conturbado da nossa história.

	Os relatos a respeito desse momento do jornalismo foram feitos por Aline Pinheiro, jornalista, trabalhou na TV Clube, na EPTV, ficou um tempo na área de assessoria e desde abril está na produção do SP Record. A volta ao mundo televisivo no meio da pandemia trouxe uma mudança brusca na rotina de trabalho de Aline.
Aline Pinheiro:	D.I: [É exatamente isso] D.F: [mudança muito brusca]
Enrico Ziotti:	A realidade de mudanças na forma de entrevistar e pautar temas durante uma pandemia não foram exclusividades da Record. Longe disso. Mesmo emissoras locais tiveram os mesmos cuidados com a contaminação. E eu pude ver isso quando entrevistei Juliana Malaguti, produtora da TV Thathi.
Juliana Malaguti:	D.I: [No começo da pandemia] D.F: [por conta disso né]
Enrico Ziotti:	Além de dificuldades que as emissoras passaram, algumas coisas não puderam ser substituídas e foram suspensas até segunda ordem.
Juliana Malaguti:	D.I: [Todo dia eu saia] D.F: [jornalista seria bom]
Enrico Ziotti:	No próximo episódio, vamos falar sobre quais mudanças vieram para ficar no jornalismo televisivo.

Podcast de 11 minutos	**O jornal pós Coronavírus com Aline**

	Pinheiro e Juliana Malaguti
Enrico Ziotti:	Esse podcast faz parte do trabalho de conclusão de curso multiplataforma chamado Jornalismo em Pane. As mudanças exigidas por esse momento único na história moderna trouxe muito desgaste para os jornalistas. Mesmo já acostumados a cada vez acumularem mais funções, a diminuição de pessoas e aumento de conversas online são um exemplo disso, mas com certos cuidados.
Aline Pinheiro:	D.I: [Todo dia eu saia] D.F: [foi totalmente diferente]
Enrico Ziotti:	No episódio anterior, você ouviu os relatos das dificuldades que a pandemia trouxe para a produção dos jornais televisivos. Com todas as adaptações que foram necessárias para enfrentar os empecilhos causados pela Covid-19, algumas medidas que foram tomadas se tornaram essenciais para o trabalho jornalístico. Tão essenciais que, quando a pandemia for controlada e as emissoras poderem voltar aos antigos costumes, ideias adotadas nesse último ano vão se unir.
Juliana Malaguti:	D.I: [Igual a gente fala] D.F: [bem nosso convidado]
Aline Pinheiro:	D.I: [Eu acho que a tecnologia] D.F: [trabalho do jornalista]

3.2 Vídeo

Vídeo de até 10 minutos	**Jornalismo na pandemia**

Abre com sonora de Duarte Nogueira, prefeito de Ribeirão Preto, anunciando o primeiro caso de covid-19 na cidade.	
Entra Enrico, repórter Entra tarja ENRICO ZIOTTI – Ribeirão Preto	A pandemia fez com que o jornalismo televisivo mudasse de muitas formas. Se antes era comum ver repórteres ao ar livre, agora, só podiam sair com máscara. E quando o encontro com os entrevistados era impossível, a tecnologia foi usada ao nosso favor. Começamos a fazer entrevistas assim, sem sair de casa.
Abre Tarja – JORNALISMO EM PANE – Veja como os jornalistas lidaram com as dificuldades da pandemia Some Tarja – Deixa "estúdios"	Nessa reportagem de duas partes, você vai ver que, através de entrevistas online, chegamos não só em pessoas que não podiam sair das próprias casas, mas também em pessoas impensáveis de serem entrevistadas por morarem longe dos estúdios. Como diferentes emissoras agiram com a chegada do novo coronavírus? E de todas as mudanças feitas, como o uso corriqueiro de entrevistas online, quais vão se manter quando a pandemia se for? Essa e outras perguntas serão respondidas agora
Entra sonora de Lucieli Dornelles Entra tarja LUCIELI DORNELLES – APRESENTADORA DO EPTV1 Some tarja	

Entra sonora de André Costa Entra tarja ANDRÉ COSTA – APRESENTADOR DO JORNAL DA CLUBE Some Tarja Abre Tarja – JORNALISMO EM PANE – Veja como os jornalistas lidaram com as dificuldades da pandemia	

4. CRONOGRAMA

	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Criação do site	X					
Entrevistas	X	X	X	X		
Produção e postagem		X	X	X	X	
Elaboração do relatório	X	X	X	X	X	
Revisão do relatório					X	

Entrega final (relatório e produto					X	

5. RELATO DE PRODUÇÃO

Esse produto foi criado a partir do desejo de sanar dúvidas de jornalistas veteranos e novatos. Assim como muitas profissões, o jornalismo se vê obrigado a reinventar a forma de fazê-lo a cada dia. O advento da pandemia do novo Coronavírus fez com que a demanda de mudanças e adaptações aumentasse exponencialmente. E nesse contexto de evolução drástica que eu entrei no mercado de trabalho. Longe de dizer que não gostei da oportunidade de estagiar onde sempre sonhei, não pensei duas vezes quando tive a chance, Por outro lado, os desafios que me esperavam foram surpreendentes. Além de colocar em prática tudo o que aprendi na faculdade, tive (e ainda tenho) que lidar com todos os obstáculos que a pandemia trouxe. E esses problemas sem precedentes trouxeram soluções também sem precedentes. É fato dizer que as dificuldades chegaram para grandes e pequenas emissoras, jornalistas veteranos e iniciantes, na rádio, jornais impressos, televisão, todos do ramo. Lidar com esse tema foi lidar com perguntas que ainda não têm respostas, ou que começaram a surgir depois de um ano de agonia.

Para falar sobre o tema, teria que falar com jornalistas prestigiados de diferentes emissoras, isso foi um uma faca de dois gumes. Ao mesmo tempo em que essa profissão é a que melhor entende a importância de uma boa fonte, muitos pareciam inacessíveis justamente pela exposição que tinham por décadas. Quando comecei a contactar todos que eram do meu interesse, tive a feliz surpresa de ter sido bem recebido por todos os jornalistas. Desde pessoas não conhecidas pela mídia, mas que sempre estiveram na produção, até famosos de tanto tempo aparecendo diariamente na TV dos habitantes da mesorregião de Ribeirão Preto.

A ideia inicial era ter um parâmetro nacional das mudanças que a pandemia exigiu do jornalismo. Ao me consultar com a orientadora Flávia Martinelli, ela me mostrou um caminho mais coerente e completo. Ao invés de tentar trazer a realidade do país inteiro de forma abrangente, decidi por tratar uma abordagem do interior de São Paulo. Mais especificamente, a mesorregião de Ribeirão Preto. No andamento do produto, percebi que os comentários de todos os jornalistas que entrevistei acabaram por definir de forma objetiva o provável

pensamento de toda a classe. Além disso, por tratar-se de uma região com milhões de habitantes, grandes emissoras possuem filiais em Ribeirão Preto e Franca, como Record, Bandeirantes e Globo.

Comecei as entrevistas pela EPTV, afiliada da Rede Globo, por estagiar no local. A primeira delas foi com Sérgio Trindade, diretor executivo de jornalismo da EPTV Ribeirão Preto, provavelmente a maior autoridade que entrevistei. Fui surpreendido com respostas muito claras e bem didáticas a respeito do atual momento do jornalismo e mudanças que serão adotadas ao passar da pandemia. Após essa conversa, todas as outras conferências foram fáceis e muito agradáveis de ter. Não só pelo fato de jornalistas entenderem a necessidade de boas respostas, mas também porque eu estava lidando com pessoas que cresci assistindo na televisão, ou que produzem um jornal que assisto desde criança. A primeira vez que esse sentimento de realização apareceu foi ao entrevistar Tiago Valentim, apresentador do Balanço Geral da Record. Todas as dificuldades encontradas para conseguir o contato de pessoas pouco acessíveis foram compensadas em entrevistas excelentes, conversas muito boas e conselhos de pessoas que estão em todas as emissoras há muito tempo. Quando entrevistei as primeiras pessoas, conseguir o contato do restante ficou muito mais fácil. Por tratar-se de jornalistas consolidados há muito tempo na região, obtive muitos contatos por indicação deles. O trabalho caminhou com bastante naturalidade e trouxe diversos aprendizados que foram muito importantes para meu desenvolvimento profissional.

Criei o site e tive que lidar com o meu daltonismo para fazer o site ficar com uma boa aparência e eficiente. Não foi fácil, pois decidi por não pedir ajuda para pessoas e fazer por contra própria, apenas usando referências de cores. O produto final ficou agradável aos meus olhos e o resultado foi bastante satisfatório diante das limitações que encontrei. Optei por criar um Instagram para divulgar todas as postagens e atrair as pessoas para o site. Uma das entrevistadas, Lucieli Dornelles, postou vários *stories* falando sobre a entrevista e me marcou. Com isso, várias pessoas conheceram um pouco do trabalho. Em uma semana, foram 40 seguidores no Instagram e dezenas de visitas ao site, além de cliques nos *podcasts* feitos. Para produção dos vídeos, apareci na imagem pela primeira vez no produto. Até então, só tinha aparecido em áudio. Fazer passagens em vídeo sempre foi algo prazeroso, então não tive problemas. O maior empecilho foi produzir o que seria gravado, tive a ideia de fazer uma transição do vídeo para a tela do *notebook* e o resultado atendeu todas as expectativas. Sem dúvidas, os dois vídeos eram o que tinha mais anseio e fazer e foi o momento mais prazeroso do produto. Em contrapartida, minha maior dificuldade foi na produção do site, porque não

tinha experiência com a plataforma e a dificuldade com cores só agravou todos os problemas que tive no site. Desde a estrutura até chegar numa aparência que me agrade e que, mais importante que tudo, me fizesse sentir seguro com o resultado, já que muitas vezes, o que é agradável aos meus olhos pode não ser algo atraente devido ao meu daltonismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo a elaboração de um produto multiplataforma encontrado no Wix, Instagram, Spotify e Youtube. Ele abordou a forma que o jornalismo televisivo local lidou com a pandemia do novo Coronavírus na perspectiva dos jornalistas que estavam ativos o tempo todo, a fim de buscar informações sobre como cada emissora fez para driblar obstáculos causados pela Covid-19, já que essa classe não parou de trabalhar em nenhum momento da quarentena. Ao passo que os objetivos estabelecidos foram alcançados, em encontrar padrões de protocolos que foram seguidos por diversas emissoras e formas que antes da pandemia não eram convencionais de chegar até a fonte ficaram comuns representam o sucesso do trabalho. Quando analisado, apesar de terem certas divergências, o jornalismo televisivo de diferentes emissoras tomou o mesmo rumo de se apoiar na já inexorável convergência entre mídias, de modo a produzir matérias completas sem sair da produção e apenas com entrevistas online ou vídeos mandados por entrevistados respondendo às perguntas. Além disso, quando perguntados sobre o que o jornalismo perdeu com a pandemia e quais medidas tomadas durante esse momento de crise serão mantidas após estabilidade da saúde da sociedade, a resposta unânime foi de que as entrevistas online continuarão, não só pela facilidade, mas também porque essa opção abreum leque de possibilidades de entrevistar pessoas presencialmente inatingíveis. Ao mesmo tempo, também houve unanimidade no lado ruim, como o aumento brusco do trabalho numa área já conhecida por concentrar muito trabalha em poucos jornalistas, e também no fator que as entrevistas a distância podem trazer, que é o comodismo. Da mesma forma que a popularização de telefones fixos facilitou o trabalho da produção jornalística nos anos 90 para os 2000, alguns profissionais se acomodaram com essa tecnologia e acabaram por perder a sensibilidade que muitas entrevistas necessitam.

Outra questão também abordada foi a forma que o uso da convergência de mídias acaba distanciando parte da população devido ao precário acesso à informação. Na mesma medida que o acesso à internet populariza a informação que antes só chegava pela televisão, idosos ou pessoas de baixa renda, que muitas vezes não possuem celulares tampouco notebooks e computadores, perdem voz no momento que as entrevistas são majoritariamente online.

Ao analisar o escasso número de artigos e trabalhos a respeito do tema, o que engrandece a importância deste, a percepção de outros profissionais de diferentes áreas do jornalismo também tiveram grandes concordâncias do que se refere à convergência midiáticae o acúmulo de função, ambos já inerentes à pandemia, mas que tiveram o processo

catapultado por causa dela. Vale ressaltar que a pouca quantidade de trabalhos publicados é devido ao fenômeno da pandemia ainda estar em andamento, mesmo que de forma minimizada quando comparado ao ano de 2020. A compreensão deste momento único é importante para os jornalistas que já atuam e para os estudantes que anseiam poderem estudar as novas formas de praticar jornalismo e se adaptarem aos novos equipamentos e métodos criados ou já existentes, mas pouco usados antes da pandemia. A importância da convergência de mídias para a continuação do trabalho do telejornalismo cresceu com o avanço do novo Coronavírus, mas acabou se estabelecendo como algo essencial para a produção de um jornal. Se antes era inconcebível para uma emissora local ter convidados que aparecem nos jornais nacionais, a estrutura de entrevistas *online* permite que isso seja executado. As ressalvas sobre o uso da tecnologia devem ser feitas para evitar a acomodação dos jornalistas de diminuírem drasticamente entrevistas presenciais. O que podemos ver nos relatos apresentados, a importância do contato com o povo é algo inatingível com matérias somente online. Portanto, a conciliação entre os diversos modos de entrevistas encontrados na pandemia é

REFERÊNCIAS

BALAN, Willians Cerozzi. **Um Breve Olhar pela Evolução da TV no Brasil, parte 1 do início a cor**. São Paulo: Revista Produção Profissional, Editora Bolina, abril 2012. Disponível em: Um Breve Olhar pela evolução da TV no Brasil. Acesso em 25 maio. 2021

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 700 p. Tradução de Roneide Venancio Majer. Disponível em: A Sociedade em Rede. Acesso em: 14 mar. 2021.

FIGARO, Roseli. Centro de Pesquisa Comunicação & Trabalho. **Como trabalham os comunicadores em tempos da pandemia da Covid-19?** São Paulo: ECA-USP, 2020. 87 p. Disponível em: Relatório de pesquisa: Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19 - Comunicação e Trabalho. Acesso em: 28 mar. 2021.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX.** Salvador: 2002, EDUFBA. Acesso em: 01 jun. 2021

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. S.I: Editora Aleph, 2009. 43 p. (Nova Edição - Ampliada e atualizada). Disponível em: Henry Jenkins, Cultura da Convergência. Acesso em: 10 mar. 2021

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999. 257 p. Acesso em: 14 mar. 2021

PONTES, Amanda Ferretti Automare. **Os meios de comunicação e qualidade de vida**. 2007. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: Os meios de comunicação e qualidade de vida. Acesso em: 25 maio 2021.

APÊNDICES

Decupagem de entrevistas

Entrevista com Sergio Trindade, diretor de jornalismo da EPTV Ribeirão Preto. Foi realizada em 26 de março de 2021.

- Me fala um pouco mais sobre sua carreira.

Eu já tenho 25 anos de EPTV, eu comecei a trabalhar aqui em 1996, comecei na pauta, depois passei a chefe de reportagem, chefe de redação e hoje sou gerente de jornalismo, antes disso eu me formei em Campinas na PUC e comecei a trabalhar ainda na faculdade em algumas rádios da cidade, fui revisor de texto em diário do povo, na época existia, e depois fuidiagramador no correio popular ainda estudante, e depois no próprio correio popular eu passeia repórter e antes de vir para a TV eu era editor, eu fiquei 2 anos como editor de esportes e depois de geral, e depois vim aqui para Ribeirão Preto para iniciar a trajetória na EPTV.

- Especificamente na primeira e segunda semana de 2020 com o estouro da pandemia, como foi para o jornal se adaptar?

Primeiro, teve uma preocupação geral, tanto do pessoal da redação quanto da própria diretoria da emissora preocupada com essa doença nova que ninguém sabia como enfrentar,na redação não foi diferente apesar da gente ter que manter o noticiário com toda a força,então a primeira providência que a gente fez aqui foi, para evitar que a gente não tenhapessoal para fazer o jornal, nós dividimos a redação em duas partes, então ficou uma equipede manhã e outra à tarde, para isso uma equipe não podia ver a outra então estabelecemos um critério rígido em relação a isso, e isso foi muito difícil né por que a alma de qualquer órgão que trabalha com informação a redação é essencial para a troca de informações, troca de ideias, aprimoramento de pautas, para discutir algum assunto, o melhor encaminhamento, então a redação é muito boa para isso, e a gente perdeu isso dividindo as turmas, a redação ficou morta com muito menos cabeças pensando, e no jornalismo a gente precisa desse diversidade de ideias para fazer um trabalho legal, então foi isso, internamente continuou a mesma equipe de editores, produtores, então a um não a gente vem convivendo só com esse pessoal, tem gente que faz um ano que eu não vejo pessoalmente, então a pandemia logo de cara nos mostrou isso e desde março do ano passado que a gente não conseguiu mais misturar essas equipes, para externa gente teve que mudar muito os hábitos, passamos a não entrar

mais em hospitais, povo fala, e entrevistas dentro de casa, enfim, mudou demais a nossa rotina, o entrevistado passou a segurar o seu próprio microfone, a gente higieniza comproduto em spray, o entrevistado fica a dois metros da equipe, então a gente precisou fazer tudo diferente do que estávamos acostumados é algo que não era permitido na TV, mas passou a ser foram essas entrevistas online.

- Como foi o surgimento desses critérios para trabalhar lidando com a pandemia?

A Globo instituiu alguns critério e as ideias de como trabalhar com o isolamento foram surgindo no decorrer da pandemia, então se uma praça lá da Bahia fez de uma forma que era possível pra gente, nós também adotamos, não teve um modelo pronto, uma coisa que se universalizou a partir da Globo foi usar a máscara branca para padronizar os repórteres das emissoras da Globo, todos da redação também com máscara, a Globo ajudou a gente no sentido de consultar especialistas e criar esse protocolo.

- E tiveram pessoas que entraram no home office?

No jornalismo é difícil adotar o home office, algumas pessoas da produção entraram em home office para pode manter o distanciamento, então era preciso tirar algumas pessoas para diminuir a quantidade de pessoas, e só a produção que foi possível fazer isso, não dá para deixar um editor de texto em casa, não dá pra ele editar, hoje em dia tem muita tecnologia, mas você precisa ver o material, não dá para funcionar a dinâmica do fechamento de um jornal, precisa trabalhar muito seguro daquilo que você está fazendo.

- A respeito das tecnologias, você acha que as convergências de mídias aumentaram por conta da pandemia?

Um fator importante que também mudou nessa nossa rotina é que a equipe de reportagem que está na rua, não traz mais o disco físico para editarmos as matérias, então eles geram o material online e a gente já tem tudo aqui para usar, nosso protocolo então mudou em relação a isso, as equipes de externa não entram mais na redação exatamente para não misturar esse pessoal, a redação então perdeu todo o contato presencial com os repórteres, e a internet possibilitou, assim como a pandemia proporcionou isso, então o jornalismo regional extrapolou um pouco sua área de ouvir pessoas, hoje ouvimos pesquisadores da Fiocruz lá do Rio, ouvimos pessoas lá de Brasília, então a flexibilidade de colocar uma entrevista online possibilitou isso para a gente, isso abriu fronteiras. A internet também ajuda muito a tornar o

jornal mais ao vivo que é uma coisa que a gente tem conseguido fazer, então nesse aspecto mudou o jeito de fazer televisão.

- Além do que você citou, existe alguma outra coisa que os jornalistas acabaram acatando com a pandemia que vai continuar depois que ela acabar?

Para a televisão agregou muitas situações que a gente vai adotar com certeza, a equipe mandar a matéria da rua isso com certeza vai acontecer, já fazíamos isso em algumas situações mas com a pandemia passamos a fazer em todas as situações e isso com certeza será adotado e veio para ficar. Eu não acredito que esse tipo de entrevista online vá ser tão frequente depois da pandemia, quando essa mobilidade ficar mais fácil a entrevista tradicionalvai voltar por que isso é um recurso que se utilizou pela impossibilidade de encontrar as pessoas, então eu acredito que isso depois da pandemia deva diminuir muito ou até desaparecer, mas assim, algumas práticas de participação do telespectador a gente percebeu que começou a ficar muito comum, as pessoas tinham muitas dúvidas em relação ao vírus e a gente precisava colocar pessoas para responder, eu acho que essas duas questões então vão prevalecer.

- Você falou dos pontos positivos, agora em relação aos pontos negativos, existe algo que prejudica hoje o jornalismo televisivo?

Assim, eu falei isso da redação por que é algo que eu vivencio, eu acho que o ambienteda redação é muito saudável para a produção de notícias em qualquer área do jornalismo, e hoje com a tecnologia a redação vai perdendo cada vez mais o sentido, as redações vão ficando cada vez mais enxutas e a pandemia acentuou isso ainda mais, isso tirou o poder da redação, e eu acho que isso é ruim, em compensação a tecnologia torna tudo muito mais ágil, então tem prós e contras ai, e outra a pandemia nos mostrou a verdadeira utilidade do jornalismo, precisamos de credibilidade para passar a informação correta, e a pandemia foi uma chuva de desinformação em todas as esferas, e isso prejudica demais a população, temos um compromisso com a relação correta, e a internet propagou uma difusão de informações equivocadas muito facilmente, isso dificulta o jornalismo sério, vimos isso muito acentuadona pandemia, e também vimos que isso custou vidas né, então se de um lado dificultou o trabalho da imprensa, a pandemia também mostrou que o jornalismo sério é muito importante.

Entrevista Aline Pinheiro, produtora da Record. Foi realizada em 13 de setembro.

- Você trabalha há quanto tempo na Record?

Com jornalismo de TV eu trabalho desde o estágio e depois quando saí eu acabei indo pra TV Clube foi minha primeira oportunidade, fiquei 8 anos lá, depois EPTV fiquei em assessoria e agora to na Record esse ano, desde abril.

- Eu quero conversar sobre as diferenças, você está a muito tempo na TV então com certeza você sentiu muita diferença do jornalismo televisivo antes da pandemia e durante, as limitações.

É exatamente isso, por que eu tenho bem esse comparativo deste antes da pandemia que a gente nem imaginava que o mundo ia enfrentar essa crise sanitária, nem sonhava quando eu fiquei na produção de jornalismo de 2011 a 2018, aí voltei agora no ápice da pandemia que a Record me fez o convite e eu aceitei em abril, e como eu estava em uma assessoria de imprensa antes, eu estava totalmente do home-office aí eu tive que ir para a redação então foi muito impactante, tanto para nós como profissionais ali na linha de frente de pandemia estando presencialmente para fazer as coberturas, quanto para você conseguircolocar uma matéria no ar na televisão com recursos da pandemia que antigamente não usávamos um vídeo caseiro de uma pessoa como entrevistada, isso era fora dos padrões de TV, às marcações, às sonoras. Então, como eu sempre fiz pauta, você vai colocar lá as marcações, o entrevistado, o endereço, e agora para aperfeiçoar ou pra conseguir colocar um material tanto para não colocar a equipe em risco tanto o entrevistado, a gente tem que usar osrecursos do vídeo, e isso é muito difícil, você tem que praticamente obrigar o entrevistado a fazer um vídeo selfie que não é obrigação dele, sabe? Parar tudo o que ele está fazendo para fazer um vídeo nos padrões de cada televisão, por exemplo, na Record é 1min e meio, celular na horizontal por causa da edição e ai a pessoa tem que estar em um lugar mais silencioso, então já aconteceram casos muito engraçados, por que as pessoas não são obrigadas a saber como funciona internamente, a gente sabe que você tem que ter no mínimo uma imagem apresentável, uma sonoridade apresentável, então esses dias a gente pediu um vídeo de uma pessoa que a tomar a terceira dose da vacina em Serrana, e a pessoa estava em Portugal, porque assim, toda matéria de televisão tem que ter alguém para ilustrar, alguém tem que ter passado por isso, e você achar essa pessoa, uma agulha no palheiro é muito difícil, então encontramos essa pessoa em Portugal que iria voltar para Serrana para tomar a terceira dose, eele começou o vídeo tomando vinho, então para você explicar para a pessoa “olha, vai para um jornal, então, por favor, saia do bar, vá para sua casa e grava o vídeo”, assim, essas

dificuldades, isso é extremamente desgastante, tanto pra produção quanto para que esteja recebendo, por que o entrevistado ele fala “poxa, você vai precisar da minha entrevista, venha aqui falar comigo” e quando por segurança começamos a utilizar o recurso de vídeo e os recursos da tecnologia foi uma mudança muito brusca.

- E onde você estava trabalhando quando a pandemia começou lá em março de 2020?

Eu estava em uma assessoria de imprensa.

- E como foi para você como jornalista o baque, você começou a se preocupar quando chegou no Brasil, quando chegou em Ribeirão ou quando estava lá na China ou na Itália? Como foi esse momento?

Então, para você ver eu estava em uma assessoria de imprensa de uma organização sem fins lucrativos, que é uma academia de artes e música, e lá teve um festival de música pouco antes da pandemia, na Itália, e eu fui cobrir. Eu cheguei ao Brasil dia 17 de fevereiro de 2020, uma semana depois bloqueou a Itália, então eu já viajei como jornalista, dentro de um contexto de início de pandemia que foi a gente no avião de máscara, só que sem saber o que era isso, por exemplo, quando eu fui por Paris, 3 pessoas tinham sido contaminadas em Paris, olha o nível da pandemia para agora, e a gente tomou um multivitamínico, por que falaram que tínhamos que estar fortalecidos, a imunidade, levamos máscara, só que lá estava tudo tranquilo por onde passamos, no metrô ninguém usava máscara e a gente ficou como todo mundo estava, por sorte ninguém foi contaminado, ninguém do festival que eu cobri, aí voltamos e uma semana depois bloqueou a Itália, ainda fui pro escritório presencialmente, quase 15 dias depois ficou no home-office e nesse início como jornalista fiquei 3 meses sem sair de casa. Fiquei naquela rotina totalmente diferente, por que todo dia eu saia pra trabalhar, pegava o carro, meu filho ia pra escola, aí mudou tudo, meu filho na aula online e eu em casa no notebook e fazendo texto em casa e aí eu comecei a vivenciar como jornalista a organizar minha própria rotina e é muito difícil, você está vendo essa movimentação de ambiente né, e ainda que, por exemplo, eu não tenho um lugar de home-office, eu estou em um ambiente aberto que eu tenho todo o som externo da casa, meu filho em casa, aí chega meu sobrinho, minha mãe cozinhando, então é totalmente desgastante, eu tinha muita dificuldade de concentração quanto eu estava na assessoria de imprensa, muita dificuldade para fazer texto, colocava o fone e não conseguia me concentrar e aí você tem divulgação de Jornalistas que relataram os desafios e danos também a saúde mental dentro deste formato e eu senti muito isso, primeiro que esta ansiedade da incerteza E você começa a procrastinar, você precisa

entregar um texto e aí você fala assim "eu estou em casa mesmo vou fazer no outro dia", e a rotina agora eu estou falando com você estou com um vestido florido, coloquei um terninho por cima e dar para dar uma enganada, mas toda essa questão de adaptação foi totalmente diferente.

- E lá na Record você chegou em abril desse ano, então já chegou em momento de pandemia. Apesar de ter várias diferenças de produção, eu acredito que existam coisas similares. Quando você chegou à Record como foi a transformação, como estava a diferença do que você estava acostumada a ver na TV, nos jornais televisivos e hoje com a pandemia?

Quando eu fui para a Record eu não fiquei no home-office, a não ser quando eu tive suspeita de covid, mas eu sempre fui presencial no horário da tarde, eu tenho que chegar e medir a temperatura, então você tem que ser inserido neste protocolo de prevenção, então medem sua temperatura, aí você entra na redação sempre de máscara e uma das maiores dificuldades, ou pauteiro ele fica no telefone o dia todo com o telefone da redação ou no nosso celular e falar ao telefone de máscara é muito ruim por quê as matérias todas voltadas para pandemia você acaba aprendendo um pouco, com a máscara, você perde os decibéis, abafa mesmo o som, então você tem que falar muito mais alto, fazer um esforço muito grande e aí você não tem a respiração pelo nariz, então você vai falando com os entrevistados e você vai ficando sufocado, eu tiro a máscara aí eu sei que não pode tirar aí Preciso trocar de máscara, o cafezinho que você vai tomar, é outra história, já não pode ficar na cozinha com mais de duas pessoas, banheiro, então o que eu vivi no jornalismo até 2018 e depois agora em 2021, já é outro método de trabalho. O pauteiro às vezes sai para fazer sonora, na minha primeira semana Eu fui fazer uma entrevista com o secretário de saúde, então eu entrei na Secretaria de Saúde que era um antro de covid, de máscara, depois de ficar tanto tempo no Home Office as coisas vão deixando sua cabeça um pouco confusa, você se ver totalmente em risco sempre, aí teve a luta pelo jornalismo de colocar os jornalistas na vacinação como grupo prioritário, isso foi uma luta, antes eu não tinha pensado sobre isso, não tinha opinião sobre isso, mas depois que eu estive na redação, não é para você comparar, o jornalista não está na linha diferente como o enfermeiro, você não vai tirar o direito de ninguém mas será incluído era extremamente importante porque o jornalismo não parou em nenhuma frente, nem o jornalismo impresso, nem online, nem o televisivo, em que a pessoa tem que ir para rua pegar uma imagem, ele não parou, então isso é considerado Linha de Frente, você estar trabalhando sem a imunização também foi difícil porque é aquela cadeia, você vai ter contato com outras pessoas vai voltar para casa, então é extremamente cansativo, até eu tomar a vacina tinha que

chegar em casa tirar toda a roupa no quintal e deixar separado, lavar a mão e higienizar a bolsa, agenda e celular, depois subir na escada tomar banho, depois descer, várias vezes fiquei isolada aqui em cima porque estou trabalhando fora e só depois da imunização que as coisas começaram a ficar em pouco mais tranquilas, mas assim, isso vai te dando um desgaste você chega em casa e não pode nem jantar, então se cria um protocolo muito pesado porque você esteve trabalhando presencialmente.

- E hoje você faz as faltas, qual o seu papel obrigatório, quais são os seus objetivos e o que você precisa fazer?

Eu sou pauteira, fico na produção de pauta então eu o pauto o SP Record, a grade da Record tem o balanço geral que é um programa mais comunitário que mais se identifica com a população diária no sentido de problemas de bairro o mais factual, é um programa longo e ao vivo, depois a tarde tem o cidade alerta que é um outro perfil também factual, mas mais policial e investigativo, ele trabalha com denúncias e tem o SP Record que é à noite que é um jornal Segunda Edição, que é o jornal que eu pauto, é um jornal que vai fazer um apanhado do que aconteceu durante o dia, com matérias mais aprofundadas, temos investido em pesquisas e coletivas e aí eu faço as pautas do Rodrigo Cipriani e dou todo o suporte para que o jornal entre no ar, tem nota coberta, nota pelada, checar informação, a apuração, então o meu horário de trabalho é isso, dou todo o suporte para que o SP Record entre no ar às 19:15.

- Você falou muito da mudança que é pedir para alguém enviar um vídeo mas tem alguma coisa que você julga boa, alguma coisa que você como jornalista aprendeu, um recurso que você aprendeu a usar e pensa que isso até facilita, que depois da pandemia talvez pode continuar, talvez não no mesmo volume que é hoje mas alguma técnica, como as entrevistas online, alguma coisa que você percebeu que consegue funcionar junto com o jornalismo que era antes da pandemia?

Eu acho que a tecnologia veio para auxiliar o jornalismo televisivo e não vamos mais poder excluir, é óbvio que eu imagino que os vídeos mais caseiros a gente consiga profissionalizar um pouco mais, mas você conseguir chegar rapidamente em um contato com outras fontes, a gente pode ampliar as fontes, inclusive Fontes oficiais era difícil antes você conversar, esses dias a gente entrevistou o Dimas presidente do butantan, então era muito difícil esse acesso, por exemplo, para a gente entrevistar o Dimas ele teria que ver em uma coletiva automaticamente em Ribeirão Preto e aquele padrão que os jornalistas vão na coletiva, agora a gente entrou em contato com assessoria, então Assessoria eu acho que tem um trabalho muito importante de facilitador, de estreitar esse contato, então a gente cumpre o

protocolo, envia o e-mail e o Dimas falou com a gente por Skype, super interessante, semana passada entrevistamos o Rodrigo Stabile diretor da Fiocruz, que antigamente eram pessoas muito inacessíveis, E aí você pode ampliar no sentido de que, eu fiz uma pauta quando a variante Delta começou a avançar nos Estados Unidos e Europa até chegar no Brasil, então eu consegui conversar por Skype e pedir vídeo colaborativo de uma jornalista que estava em Nova York, uma jornalista que estava em Paris e um Ribeirão pretano que estava em Boston por exemplo, então a minha matéria foi totalmente à distância, eu não conversei com ninguémpresencialmente, então a gente tem que utilizar do recurso de imagem pessoal da pessoa, arquivo pessoal do entrevistado, para esta matéria foi isso, fora da pandemia uma pauta dessa seria muito pouco provável a não ser em uma situação de guerra, mas o jornalismo regional não tem muito essa função, seria mais um jornal de rede que você ia pegar um depoimento de quem estivesse em foco, mas agora a gente consegue ampliar e conversar com instituições, então isso facilitou o trabalho do jornalista.

- E qual foi a pior coisa de trabalhar com jornalismo televisivo durante a pandemia, a coisa que mais faz falta, a coisa que mais prejudica?

Essa questão do protocolo mesmo, eu não sou repórter de rua, mas você fazer uma passagem de máscara, não ter mais essa liberdade, algo que pro jornalismo televisivo é dificílimo, por exemplo, pra você fazer uma matéria de hospital o que você tem que mostrar para entrar, pra você fazer uma matéria de internado você tem que mostrar o internado, a equipe nunca mais pode entrar em área vermelha e isso pra quem está produzindo é dificílimo porque eu tenho que continuar cobrindo, continuar tendo imagens por que se não vira um jornal impresso, então eu preciso de uma rede colaborativa muito grande, a minha libertação seria poder pautar normal, e o repórter ir até lá e eu não preciso ficar com muito braços e organizando várias contas para conseguir fazer, então fica muito mais difícil, tem critérios de biossegurança que a gente não pode ultrapassar por questões de segurança tanto da nossa equipe quanto de quem está sendo entrevistado, isso é o que eu sinto mais dificuldade. O que desgasta muito é essa sensação de você precisar estar full-time, porque como você o tempo todo pode ser encontrado no celular, as coisas continuam acontecendo, e a gente como pauteiro precisa ser informado, essa necessidade de ser rápido na comunicação se pudesse regredir um pouco pro jornalista seria bom.

Entrevista com André Costa, apresentador do Jornal da Clube. Realizada em 25 de outubro.

- Há quanto tempo você está na TV Clube?

Eu estou na TV Clube há 7 anos, entrei em outubro de 2014, comecei como repórter, ficava em Franca no nosso escritório lá, isso até 2017, depois disso fui transferido para Ribeirão Preto, recebi um convite da emissora e vim pra ser repórter aqui, segui na reportagem e ao mesmo tempo fazendo as apresentações eventuais dos jornais, nas férias do apresentadores e aos fins de semana, até que surgiu a oportunidade em uma adequação que a emissora fez de assumir a apresentação do nosso jornal da 1ª edição que começa 12:30, então hoje eu sou responsável pela apresentação da 1ª edição do jornal, mas eu continuo na reportagem quando precisa, quando tem alguma demanda, ou aos fins de semana quando não estou na apresentação, continuo fazendo as reportagens também. Antes de vir pra Clube comecei no rádio, em 2010 para 2011, fiquei em uma rádio AM lá de Franca, a Difusora, depois fui para a Imperador, fiz estágio na Record, ai quando estava vencendo o estágio lá e consequentemente chegando o fim da faculdade, aí eu fui convidado para trabalhar na Clube eestou aqui a 7 anos já.

- Você faz parte, de alguma forma, da produção do jornal? Como é o seu dia a dia?

Basicamente meu dia é uma sequência, então eu chego e já dou uma olhada no que está programado pro jornal, já dou uma olhada no espelho, no que está para ser produzido pelos repórteres, dou uma olhada até por que podem surgir alguns questionamentos com relação a alguma pauta ou mesmo os repórteres que ligam na redação precisando de alguma coisa, é bom sempre estar atento ao que as equipes vão produzir, aí já fico a disposição do editor caso tenha off pra gravar de algum texto com imagem, então eu dou uma olhada ali no texto e faço essa gravação, então é isso de manhã, fico conversando sempre com o editor e gravando o que precisa, também tem muito de conversar com as praças, principalmente com orepórter de Franca, equipe de Araraquara e São Carlos por que eles têm participação ao vivo no jornal e várias vezes é muito com bate papo, então precisa ter essa proximidade com as praças para realmente entender o que eles vão trazer pro jornal, se vai ter imagens ou se vai ser uma entrada crua, o que vamos poder conversar, se vai ter um bate papo na entrada deles ou se vão direto com toda informação, então tem isso até a hora de gravar as entradas do jornal que são feitas mais ou menos 11h da manhã e depois a gente já grava a escalada na sequência umas 11:30, o nosso jornal começa às 12:30 então é tudo gravado uma hora antes, mas sem prejuízo de surgir uma factual ou alguma coisa a gente regrava e coloca, geralmente não foge muito disso, tem essa rotina, mais ou menos essa correria aí todo dia.

E com a equipe reduzida né, já entrando nesse mérito, acho que todo mundo teve que reduzir as equipes com a pandemia, até antes da pandemia as emissoras, ou até a imprensa em geral, as redações de impresso, internet, TV, rádio, já veio enxugando né, então não foi diferente aqui no sistema também, então estamos com uma equipe que antigamente tinha 12 repórteres, hoje nós temos 3 em Ribeirão Preto e as praças, enfim, reduziu e se reduziu às vezes sobra mais demanda aí o pessoal que está na rua corre um pouco mais, faz um VT, faz uma imagem com sonora para usar no jornal, se desdobrando para dar conta do recado, as notícias chegam e a gente precisa dar conta e contando sempre com os estagiários né, a gente tem 2 estagiários, um de manhã e outro a tarde, então a demanda de Whatsapp está sempre com eles, olhando o que tem, o que dá para aproveitar, aquela correria de redação que você conhece bem.

- Entrando agora no mérito da pandemia que você falou que reduziu, em março de 2020, que começou a acontecer as coisas no Brasil, então como foi para a Clube ou para você aqui em Ribeirão, como foi o clima quando começou?

Já trouxe uma preocupação, vinha de uma linha editorial tranquila dentro do jornal, sempre falamos de muita política que é o forte do jornal, de economia, dos assuntos das cidades da macrorregião, mas sempre atento ao que estava acontecendo lá fora, já na China, na Itália, nessa expectativa de quando iria chegar ao Brasil, mas sem certeza de quando, e aí foi questão de tempo para aparecer esses primeiros casos aqui na região, aí não teve jeito e o jornal teve que mudar o formato, então passou a ser um jornal muito focado em pandemia, focado em prestar serviços para a população e nós pegamos o hábito de todos os dias fazer giros dos polos da COVID-19, trazendo diariamente esse números e essas informações, entrevistas, atualizando, mostrando os cuidados que tinham que ser tomados, e que ainda estamos tomando, o que antes a gente conseguia fazer de entrevistas pessoalmente acabaram mudando, tivemos que passar a fazer as entrevistas por Skype, pelo Meet, e outras plataformas, para não colocar as equipes em risco, também os entrevistados, se tornou uma maneira diferente de fazer jornalismo, maneiras que não usávamos passou a ser rotineiro, isso foi durante a pandemia mas acho que aqui e em outras redações vai continuar nesse tipo de formato que também agiliza na hora de trazer a noticia mais rápido, mas foi isso, aquela correria, aquela apreensão, alguns funcionários contraindo o COVID no meio disso tudo, aí tem todo o cuidado, mas a gente não deixou de informar a população.

- Mesmo com a pandemia, ainda existem algumas coisas que precisamos ir pessoalmente, você como repórter de rua, como foi para você lidar com o medo, e como foi o protocolo que deram para você

Nós já tínhamos protocolos estabelecidos, as nossas equipes quando o governo decretou o uso de máscaras, não vou lembrar o dia, mas passamos a usar máscaras no ao vivo, com nossos repórteres para mostrar para a população que naquele momento já havia uma obrigatoriedade da máscara em locais públicos, fechados, enfim, o primeiro protocolo adotado foi de usar a máscara, aí protocolo adotados pela empresa, aferir a temperatura, se sentir sintomas passa para a chefia imediatamente e se possível nem venha trabalhar, dependendo do que você está sentindo, e aí todo protocolo na hora de sair com as equipes na rua, então passou a adotar dois microfones com a higienização constante, álcool em gel nos carros, possibilidades de fazer mais entrevistas ao ar livre, as equipes nas portas dos hospitais sempretentando manter a distância, então todo esse cuidado para evitar a contaminação, apenas de ter acontecido com alguns felizmente todos se recuperaram bem, mas todos tivemos que adotar protocolos de segurança inclusive nas pautas na rua, por exemplo.

- Você como jornalista a muito tempo, que pegou essa transformação, você vê alguma coisa que vai se manter depois que a pandemia acabar?

Eu acho que principalmente esse fato de fazer um jornalismo mais rápido, e com as entrevistas online, eu acho que isso foi incrível e dificilmente você como jornalista também imaginou ver esse cenário em algumas emissora, como por exemplo nas afiliadas da Globoné, todas adotando esse mesmo formato de entrevista, então é algo que veio pra ficar, que ajudou muito o jornalismo trazendo uma mobilidade e mostrou que é possível fazer uma entrevista com boa qualidade e ao mesmo tempo agilizar essa pauta, por que isso traz sim uma certa economia para as emissoras, você deixa de deslocar equipe e deixa de gastar com combustível, pedágio, enfim algo nesse sentido também é viável, então principalmente essa mobilidade desse tipo de entrevista online e do jornalismo digital como um todo, essa proximidade com o telespectador, acho que tudo isso veio e deve ficar, foi algo que apesar de todo o transtorno que causou veio e se mostrou eficiente.

- E quais são as coisas que você sente falta no jornalismo, que mal pode esperar para voltar ao normal, para voltar a fazer?

Acho que o jeitão do jornalista, trazendo um pouco pro lado brasileiro, todo mundo gosta muito de contato né, quem encontra a gente na rua e conhece a gente da televisão, do jornalismo, que abraçar e aí você não pode, realmente não pode nesse momento então você tem que se segurar, a pessoa tem que se segurar, fica naquela coisa de toquinho nas mãos só, então acho que isso precisa voltar logo, por que as pessoas do jornalismo, as pessoa que estão na rua querem receber esse carinho também, então isso a gente sempre uma falta enorme. aquina redação mesmo sempre fomos muito unidos, sempre de festejar os aniversários, ai tudo isso foi suspenso por enquanto, não pode trazer aquele bolinho porque aí todo mundo teria que ficar sem a máscara, então acho que essa coisa de voltar a ter o contato principalmente com o telespectador, com o ouvindo, falando ali realmente mais próximo, quem sabe em um futuro próximo aí sem a máscara, isso traz muito pra sensibilidade na hora de você trazer a matéria, acho que esse contato ta fazendo muita falta e tomara que volte logo.

Juliana Malaguti, produtora da Thathi. Entrevista realizada dia 8 de setembro de 2021.

- Há quanto tempo você trabalha na Thathi?

Trabalho na Thathi a 4 anos, quando eu comecei foi para fazer produção para alguns programas educativos por que a TV tinha essa pegada de TV educativa, nesse meio tempo a TV teve uma mudança e o grupo comprou uma concessão da NET, mudou toda a dinâmica e eu passei a fazer outras coisas e aí eu fui para ser supervisora de produção.

- Hoje você é responsável por algum programa em específico ou você faz detudo lá dentro?

A estrutura da TV é muito enxuta então lá não temos cargos muito definidos, a prática eu faço sim produção de programas específicos, que é o programa Alto Astral, de entretenimento diário e ao vivo, faço produção da Hora da Verdade que é um jornalismo com uma pegada de entretenimento, também ao vivo no final do dia, faço do programa Mentoria que é semanal e ao vivo, fora isso como supervisora de produção eu dou um respaldo pra todo mundo em relação a agendamento de horário de estúdio, escala de equipe, seja do produtor, do cinegrafista, eu também distribuo edição, confiro material da edição, produzo textos para vídeos institucionais do canal, acompanho essa edições desses vídeos, escrevo informes, e dou um respaldo para os programas que são exibidos na casa, mas que não são de nosso produção, a gente tem muitos programas que é produção independente, mas que são produzidos nos nosso estúdios, mas apenas dando dicas. No jornalismo não estamos com chefe de jornalismo, a pessoa que faz a pauta tem autonomia sobre ela, e eu como supervisora de produção dou suporte, dando ideias, ajudando em pendências, então eu fico transitando na redação.

- Em relação a pandemia vocês mandaram pessoas para o home office, essas pessoas já voltaram ou continuam?

No começo da pandemia todo mundo ficou assustado, e achávamos que fosse durar pouco tempo, de imediato eles mandaram ir embora assim que acabasse o trabalho, pra não ficar marcando bobeira, isso foi no primeiro ou segundo dia quando teve o primeiro caso confirmado, mandados para casa foram pessoas de funções administrativas, produtor, pauteiro, cinegrafista não foram para casa, mas muitos apresentadores começaram a fazer os programas de casa, principalmente os mais velhos, e o pessoal do portal que também foi pra casa, tanto é que até hoje ainda não voltaram, fora isso a ideia era ficar o menor tempo possível na redação. Acho que o que mudou muito mesmo foi em relação aos convidados que a gente recebe, a gente tem muitos programas de entrevista e isso parou de imediato, todo mundo por vídeo chamada, apanhamos porque fomos tentando descobrir qual era o melhor programa para se usar, como usar, os convidados não tinham prática para isso, a gente teve muita dificuldade com isso, mas por um ponto foi muito bom, começamos a usar recursos que não imaginamos, e nós que fazemos programação local só tinha convidados locais, então começamos a ver que podemos trazer outras pessoas, então hoje o numero da minha listinhade contatos é muito maior, e acho que por conta disso né.

- No futuro, quando acabar a pandemia esse contatos de fora ainda vão continuar?

Eu acho que sim, igual a gente fala da questão do sistema híbrido na educação, eu acho que ele vai valer para tudo, qualquer sistema de trabalho, para quem trabalha na TV, ou mesmo em escritório de advocacia, acho que vai funcionar em qualquer empresa e também para nossas entrevistas, por que eu acho que as pessoas de alguma forma gostaram disso, a gente consegue ter contato com aquelas pessoas de outras cidades, sair um pouco da mesmice de contatos, e também pela comodidade, ainda mais com esse imediatismo, se for online a pessoa pode fazer no horário de almoço, horário que está disponível em casa, mas se for presencial isso vai afetar o tempo de deslocamento e também o tanto que eu produzo,principalmente com pessoas externas, então acho que isso vai ficar sim, por que a gente gostou, nossas fontes gostaram, tem a praticidade e tem a opção de variar. O que eu acho queé um pouco ruim, pensando hoje na nossa abrangência, eu tem um pouco de medo de perder o que está acontecendo aqui, por que penso, eu posso falar com qualquer pneumologista do país para falar sobre tempo seco, qualquer um vai suprir essa necessidade de falar dos prejuízos do

tempo seco, mas é muito bom quando falamos com um médico daqui da cidade, que tem a vivência do nosso tempo seco, então eu tenho esse receio, da praticidade que o mundo online trouxe de alguma forma afaste os nossos contatos da nossa realidade, porém eu acho que a gente consegue administrar orientando bem nosso convidado.

- Em relação a entrevistas que precisam ser presenciais, como vocês fazem? Hoje vocês tem algum protocolo?

A gente tem deixado que o convidado coloque o que ele prefere, quando é entrevista de estúdio nós não levamos todos os convidados para lá, para evitar aglomeração, se possívela gente intercala em presencial e online, e a gente pergunta se a pessoa se sente a vontade de fazer a entrevista presencial, explicamos quem vai estar no estúdio, e a distância razoável, então hoje a gente perde um tempinho explicando isso, para entrevistas de rua, dificilmente o repórter faz alguma coisa da redação, às vezes faz por comodidade, às vezes um convidado que não se sente a vontade de te receber em casa, mas a gente tem feito presencial, e hoje em dia eu percebi que infelizmente a gente foi se desarmando em relação ao medo,o repórter e cinegrafista usam máscara, limpam microfone quando chegam na redação, a gente fala para manter um distanciamento, mas eu percebo que a neura passou, eu sinto que os convidados foram baixando um pouquinho o medo e a equipe também, não sei se é por você ir ficando mais acostumado, aquilo vai fazendo parte da nossa vida, mas sim, tentamos manter os protocolos ainda.

- Você acha que existem outras coisas que vieram com a pandemia e vão ficar?

Acho que apenas isso mesmo, os contatos que aumentaram, a questão da higiene que valem a pena mesmo sem a pandemia, a questão do home office talvez pode sim dar um pouco de flexibilidade para o colaborador dependendo do cargo, por exemplo, tenho um médico no meio do expediente, posso trabalhar de casa, talvez podemos ter flexibilidade em quanto a isso, que era algo que não pensávamos antes, a gente não pensava que trabalhar em casa poderia ser produtivo, mas tem tantos lugares do mundo que fazem isso, isso talvez pode ter mudado a nossa visão do que é trabalhar em casa, outra coisa, se a pessoa está com gripe, podendo ser COVID ou não, é melhor você não ir para a redação, a gente teve produtor que em dias de suspeita, que ainda não tinha saído resultado do teste que trabalhou de casa, a pessoa acessou o sistema de casa, trabalhou e produziu, a gente viu que dá para trabalhar remoto, talvez isso a gente possa ver diferença, talvez isso possa ficar, mas acho que o grande legado foi começar a sair da zona de conforto, isso foi interessante.

- E tem alguma coisa que você anseia voltar a fazer, que a pandemia temimpedido de fazer na Thathi, que fez falta?

O que eu mais sinto falta na programação da TV são aqueles programas que tinham debates, por exemplo, o Mentoria, a gente costumava receber 9 pessoa, nosso estúdio é grande, mas se eu colocar 9 pessoas com o distanciamento que hoje pede é inviável, para os programas que fazem debates foi ruim e acho que a gente não volta tão cedo, e quando você coloca o presencial e o híbrido no debate, as pessoa questionam por que tal pessoa vai presencial, acho que isso então vai demorar para voltar.

Entrevista com Tiago Valentim, apresentador do Balanço Geral Interior, daRecord. Entrevista realizada em 11 de setembro de 2021.

Quanto tempo você trabalha na Record e há quanto tempo você apresentador?

Me formei como jornalista em 2006. Eu já trabalhava antes na área como estagiárioné, ainda quando era estudante e mesmo antes de ser estudante, eu já trabalhava na área auxiliando TVs locais. Eu sou de Limeira, nascido em Limeira, e nas TVs de lá eu já faziaesse trabalho, ajudando desde atender telefone até passar o teleprompter, então já ia conhecendo. E tenho um irmão que trabalha na área, é apresentador, 10 anos mais velho e eu auxiliava muito ele nos programas. Fui também tomando gosto pela profissão e vendo que eratudo que eu queria para vida toda, então comecei em Limeira e depois fui para faculdade. Acabei entrando no grupo Record em Limeira na época na Rede Família lá em 2006. Já são 15 anos no grupo. Depois disso, fiz testes para Bauru, até testes na época para TV TEM Sorocaba e ao mesmo tempo para Record aqui de Ribeirão Preto e Franca e acabou dando certo para cá, para o Balanço Geral.

Como é sua rotina na Record?

Eu entro na TV às 5:50 da manhã e fico à disposição dos links da manhã para rede para São Paulo. Também fico à disposição para rua, eu faço questão de ir porque acho que o jornalista tem que ter essa vivência. E além disso, dessa produção de reportagem, por

volta das 11 horas eu já me preparo para o jornal, acompanho o espelho que éproduzido às dez para o meio dia estou no ar.

A sua preocupação com a Covid-19 começou quando os casos ainda estavam na Chinaou só quando chegou na região?

Mesmo que o nosso foco seja muito local, a gente acompanha as notícias a nível mundial. A partir do momento que ela começou a chegar no Brasil, se eu não me engano logo

depois do Carnaval. Nós já começamos a ficar atentos, até porque os jornais de São Paulo, da rede, sempre pedem para avisar se tiver algum caso. A gente começou a olhar sintomas, como funciona essa doença, porque tudo ainda era muito novo. A partir de março, quando os casos começaram aumentar e aparecer em Campinas, na capital, em Ribeirão Preto e os casos suspeitos em Franca.

Como foi quando confirmaram o primeiro caso?

Eu me recordo de um Balanço Geral que fizemos quando nós tivemos o primeiro caso suspeito em Franca. Naquele dia, a confirmação sair por volta das 11:30 da manhã e meio-dia nós conseguimos trazer o Secretário da Saúde ao vivo com a gente no programa. Era um momento de medo, porque nós havíamos acabado de fechar tudo. Aquele pronunciamento do presidente falando da questão da polêmica "gripezinha", a partir dali, na minha opinião, foium divisor de águas para que muita gente começasse a negar a doença e voltar para rua. Foram os dez dias mais tensos de toda a pandemia. Não em números, não só como jornalista, mas também como um pai de família. Tanto para você ir para o trabalho, todo mundo parado, escondido em casa, com medo, ninguém sabia o que era. E nós estávamos ali, expostos deuma certa forma, tendo que levar uma informação oficial para combater tanta Fake News. Umdia estava fazendo a cobertura do Carnaval e outro não podia mais sair da redação.

A partir daí, quais foram as medidas tomadas pela emissora?

Nós começamos a usar o distanciamento, as máscaras e o uso do álcool em gel. Tínhamos que evitar ao máximo entrevistas pessoalmente. Somente em casos muito esporádicos. Eu me lembro de um que nós fizemos uma entrevista com a família de uma das primeiras pessoas em Franca que morreu com suspeita de covid. Lembro que nós entrevistamos a família atrás do portão do cemitério. A família afastada atrás do portão e a equipe na rua, o entrevistado tinha que gritar a gente. Isso é uma coisa que não dava para vocêimaginar poucos meses atrás, para gente foram 10 anos que nós avançamos agora em pouco mais de um. Então, tem os lados bons e o lado ruim.

Como vieram as decisões de como agir durante a pandemia?

A questão veio de cima, a decisão vem da rede, né. O grupo Record já mandou um comunicado e tinha comunicado via chefia de alguma forma. Recebemos médicos que falaram como se comportar diante de uma suspeita da covid-19, ouvimos também na época o Prefeito, como que se tem agora pouco Secretário da Saúde para tentar dar um norte para

aquela senhorinha que já não tinha mais o contato com a gente porque ele não tem telefone, mas tem a televisão como meio de informação oficial

Os protocolos seguidos dentro da Record são rigorosos até hoje, mesmo com o avanço da vacinação e a diminuição de casos e óbitos. “Até hoje, se alguém tem um sintoma da gripe,uma simples coriza, a pessoa é afastada pelo menos por 15 dias. Mesmo quando são testados com teste negativo, continuam em casa, cumprindo o período de 15 dias de afastamento.

O que faz falta no dia a dia como jornalista?

Muitas vezes, a gente tomava café na casa do entrevistado. Isso, de repente, parou. Daquela segunda semana de Março em diante parou tudo e a partir daquele dia, mudamos o foco. Começamos a tentar encontrar pessoas que pudessem dar entrevista através da forma virtual. Demorei muito para voltar para rua, em reportagens com entrevistas. E quando eu voltava, geralmente era para fazer uma passagem em frente ao polo covid em frente ao hospital, mas longe

Como você lidou com o avanço das entrevistas online e estratégias pouco (ou não) utilizadas antes da pandemia?

Nós avançamos demais, nós avançamos agora dez anos em pouco mais de um. Entrevistei francanos que estavam na Europa na época da pandemia quando ela estourou na Itália, isso eu não faria antes jamais, não me passava pela cabeça. Muito menos pedir para o entrevistado me mandar um vídeo do WhatsApp. Acho que nós relutamos do jeito que relutamos com as câmeras de segurança. Quando começaram a usar, diziam que a imagem era ruim, não dava para ver nada. Hoje, mais do que nunca, nós prezamos pela informação, independentemente da qualidade do que recebemos de imagem. Dificilmente o telespectador achar ruim, ele não vê dessa forma. Ele viu o contexto da notícia e ficou preocupado com o que a fonte estava falando. Nós avançamos de uma forma para nos preocuparmos mais com a informação bem dada e com a secagem da fonte. Mas, não pode se tornar uma muleta. Não podemos fazer com que os novos jornalistas e os que já estão mais velhos na redação e falar ‘já tô cansado e agora virou um artifício, toda vez eu vou usar’. Isso vai gastar forma e seu colega seu concorrente vai para o campo cativar sua fonte.

Entrevista com Lucieli Dornelles, realizada dia 18 de novembro de 2021

Como era a EPTV em Março de 2020? E como ela se tornou o que é hoje com a pandemia?

Eu acho que cobrir uma pandemia mundial desse jeito, tudo o que a gente passou, viveu, e está vivendo ainda, foi não só o maior desafio jornalístico que a gente teve, que eu tive, que todos nós tivemos, primeiro que a gente não tinha ideia do que estava acontecendo, então a gente foi mudando as estratégias conforme as coisas foram acontecendo, por exemplo,a primeira entrevista que a gente fez sobre coronavírus ainda em janeiro quando já estava rolando lá na China, e já se falava sobre, era algo que para os próprios médicos era muito tranquilo, então "não, não vai chegar no Brasil, é uma gripe" isso a gente chegou a ouvir de médicos infectologistas do Hospital das Clínicas que é referência aqui em Ribeirão Preto, então a gente não tinha uma consciência do que viria para a nossa vida, até que, eu me lembro direitinho o dia que eu eu falei "as coisas mudaram", já em março eu recebi uma médica e eu fui abraça-la, como eu sempre faço, ainda sem máscara, nesse período a gente ainda não usava, e eu me lembro que naquele dia ela falou "não abraça", e aquilo pra mim foi impactante, por que eu sempre fui muito do toque, então junto com desafio jornalístico passou a existir um desafio pessoal na hora de cobrir a pandemia e um terror interno, por que a gente nunca tinha visto nada com essa dimensão, então na medida que as coisas iam avançando, ficando mais graves, a nossa cabeça foi falando meu deus o que está acontecendo, é um filme, é uma série, e eu me lembro disso, não é à toa como eu acabei escolhendo como uma segunda área de conhecimento a neurociência, eu pensei nossa se eu não trabalhar a minha mente eu vou ficar doida porque além de tudo a gente teve a questão do distanciamento muito rápido, tudo isso foi indo degrau por degrau, então falei esse exemplo do abraço, ai veio a questão da máscara, aí de repente "vocês estão proibidos de receber entrevistados", e isso em um jornal gigantesco, que aí a gente já tinha ganho mais espaço da programação da rede Globo para ter um jornal maior justamente para que a gente pudesse noticiar o que acontecia na pandemia em termos regionais, e é um jornal grande, sem poder ter entrevistados no estudo que era algo que nos ajudava, às vezes a gente ficada de 8 a 10 minutos com entrevistados e a gente um pouco até indignados no início, ficamos querendo achar maneiras, e aí a gente se viu tendo que se reinventar nessas novas formas de fazer entrevista, não que elas não existissem, mas elas não eram a opção principal da nossa vida, era muito raro ter entrevistas de Skype, e se por um lado essas entrevistas aceleraram nosso trabalho, ela também nos trouxe a chance de ter ao vivo no jornal pessoas que antes a gente nem sonhava em entrevistar, isso era algo que antigamente não existia, nem passava na nossa cabeça colocar um especialista de outro estado, de outra cidade, era muito local, isso acabou trazendo um leque acho que vai ficar para sempre no jornalismo, imagino que mesmo quando as entrevistas de estúdio retornarem a gente não vai deixar de chamar pessoas de outros lugares, com esse alcance que se criou e

também cada vez mais coisas pela internet, isso trouxe um dinamismo pro jornal, mas não foi fácil, claro que agora eu to falando de um ponto em que está tudo muito estável, a gente aprendeu a fazer o jornal desse jeito, mas no início foi bem assustador como eu disse em todos os sentidos, no sentido pessoal e profissional também

Como vocês decidiram a forma de noticiar o Coronavírus?

Bom, em relação ao tempo do jornal a gente ficou sabendo, e foi uma decisão da Globo, e acho que a Globo tem percebido que a audiência hoje do jornalismo está muito vinculada ao jornalismo regional, por que a gente percebe que houve até uma queda na audiência do jornalismo nacional, isso é fato, e tem muito a ver com plataformas de streaming, com essa questão de todo mundo já ter as notícias na mão ali na hora que acorda então é um desafio enorme um jornal de rede manter a audiência, por outro lado no jornal regional a gente percebe um aumento da nossa audiência, ou pelo menos uma estabilidade, e agente liga diretamente ao fato de que nós estamos dando notícias que as pessoas querem ver, elas estão vendo hospitais das cidades delas, vendo a realidade das cidades, seja pra falar do que for, mesmo que critiquem, elas ligam a televisão para saber o que está acontecendo o que está acontecendo na rua, no bairro, no vizinho, então eu acho que cada vez mais, a pandemia foi um start para algo que vai continuar tanto que a pandemia já está mais estabilizada e o nosso jornal de 1h15 continua, e não tem previsão de diminuição, pelo contrário, quando a gente fala com a rede Globo a ideia é sempre um aumento do espaço, eles já entenderam que é um caminho para que o jornalismo continue vivo diante de tantas informações da internet. Emrelação a como a gente noticiou a pandemia, tudo era conversado dia a dia, a gente ficoumuito mais unido, eu hoje me sinto muito mais próxima do meu chefe por que a gente tinha que conversar muito, todos nós muitas vezes nervosos com aquele clima de pandemia, mas éramos profissionais e tínhamos que colocar a notícia no ar, independentemente de só falar notícia boa ou ruim, como eu disse, as pessoas ligam a televisão mesmo que seja para falar mal, ligam na rede Globo por que existe sim uma credibilidade, e eu acho que eu enxerguei na pandemia que muitas pessoas diante das Fake news queriam encontrar na televisão a veracidade daquilo, por que foi muito doido a quantidade de coisas que aconteceram em relação a mentiras e boatos, principalmente nas redes sociais, várias pessoas me falaram que na hora da dúvida ligavam a televisão ou vinham até meus perfis, por que a gente ficou muito interessado, no que era mito ou verdade, e eu acho que quem está nessa onda para criticar, quenão queria acreditar na pandemia, ia criticar de qualquer forma, mas é o que eu sempre falo,

não é por que algo é do jeito que eu acredito que aquele algo é verdadeiro, então no momento mais crucial da pandemia, os números eram verdadeiros, eu não queria que fosse, mas não é por isso que eu não ia dar aquela notícia, era difícil falar de morte, eu não tenho a opção de desligar a televisão ou não ficar sabendo, eu acordo e tenho que ficar sabendo da informação por que que ela doa e seja surreal, então não foi uma opção de falar de coisas ruins, não foi algo acordado, mas para nós quanto jornalistas é óbvio que a gente tem que falar a realidade, e a realidade foi muito dura, quando tinha notícia boa, e por muitos meses não teve né, a gente dava também, mas é claro que por muitas veze essa boa se perdia num mar de informação ruim, o que era normal para o momento que estamos vivendo na saúde, era lógico que as informações eram ruins, mas eu fazia esse comparativo quando alguém vinha com essacríticas de notícia ruim, não tinha como falar de curados sendo que é um doença que você pode falar de novo, é algo muito vago, se por exemplo tem um lugar conhecido como "rodovia da morte", você não vai falar de todos os carros que passaram sem bater, você vai falar do carro que bateu, mesma coisa com avião, você não vai falar dos aviões que passavam pelo céu sem cair, você fala do avião que caiu, você fala como um alerta para as pessoas, se você fala apenas dos recuperados você não está trazendo uma informação útil, você poderia estar apenas iludindo aquela pessoa com um esperança falsa, agora não é mais questão de cura, é questão de não ter mais gente no hospital, a vacina deu certo, desafogou o hospital, então tem a ver de caminhar junto com a realidade, então sempre vai ter a pessoa que não vai gostar, que está frustrada com a vida, ela acabava descontando no carteiro, eu sou o carteiro mas eu não sou a pessoa que entrega o conteúdo da carta, mas na hora da revolta a pessoa xinga a mim, mas não fui eu que inventei o lockdown, eu acabo virando um bode expiatório do telespectador que está agoniado por conta da situação.

Em relação às coisas ruins que viram com a pandemia, como foi?

Ainda falando das coisas boas, não custa falar que a gente ficou mais forte também, isso trouxe uma maturidade para nós enquanto seres humanos, uma coisa de olha para o outro com mais cuidado, mais sensibilidade, foram muitas mortes em pouco tempo, então a gente precisou ter esse olhar mais humano para as pessoas, como falar de algo que estava doendo tanto, foi uma preocupação nossa, apesar de nem sempre a gente conseguisse falar de forma mais tranquila, e em termos profissionais, eu mesma fiquei sozinha no estúdio, antes nós éramos um casal no jornal, eu e o Guilherme, a partir do momento que veio a pandemia fiqueisó eu como âncora, então isso foi um grande desafio profissionalmente por que mais tempo no ar, mais risco de erro, mais responsabilidade, mais estudo, mais conhecimento, mais

necessidade de saber improvisar, foi um turbilhão de coisas em aconteceram. Em relação a algo negativo você diz algo que a pandemia trouxe de impossibilitar, acho que o principalmente mesmo é o olho no olho, porque por mais que as telas acrescentem nada se compara ao olho no olho, a gente sente muita falta não só de receber as pessoas no estúdiomas de poder estar mais próximos delas, muitas vezes queriamos contar a historia de uma familia e não podiamos entrar na casa delas por um recomendação seria, por conta de regras que foram impostas para que a gente não colocasse ninguém em risco, assim, o ser humano é a essência do jornalismo, a gente faz jornalismo com pessoas e para outras pessoas, então a partir do momento que ficou muita tela, muito computador, acaba perdendo essa essência, é isso que está contando agora é muito gostoso e fez bastante falta.

Em uma projeção que as coisas voltem a ser o que era, qual o meio tempo entre entrevistas online e presenciais?

Eu acho que o tempero a gente vai acabar encontrando no dia a dia do jornalismo, a gente já está fazendo isso, pelo menos hoje a gente consegue fazer mais link, estamos novamente nos encontrando com as pessoas, estamos convidando as pessoas para links comunitários, participações ao vivo de denúncias, estamos entrando na casa das pessoa também, a maior prova disso são os quadros de receitas, embora com todo o cuidado sempre, usando máscaras, preferindo lugares com janelas, mais abertos, então eu acho que esse equilíbrio a gente vai encontrar no dia a dia, e creio que a gente vai acabar priorizando pessoas que são muito conhecido, muito famosas, e que antes jamais estariam em um jornalismo de afiliada, isso acho que vai continuar, essa porta se abriu, mas temos que encontrar o equilíbrio até por que nem todo mundo que tem o que falar elas não são conhecidas, são pessoas do dia a dia, da padaria, da mercearia, então essa pessoas vão ser ouvidas no tete a tete né, esse equilíbrio vai ser dia a dia.

ANEXOS

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu André Luis da Costa, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Enrico Ziotti, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Jornalismo em Pane

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 05 de NOVEMBRO de 2021

Assinatura: _____

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu TIAGO FERNANDO VALENTIM, abaixo assinado(a), autorizo (nome do estudantes) Enrico Ziotti, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Jornalismo em pane e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Martelli.

Ribeirão Preto, 16 de SETEMBRO de 2021

Tiago Fernando Valentim
Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Aline Barchelli Pinheiro, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Enrico Ziotti, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Jornalismo em pane

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 22 de outubro de 2021

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu LUCIELI DORNELLES, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, ENRICO ZIOTTI, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Jornalismo em Pane

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 20 de OUTUBRO de 20.

LuciDorn

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Sérgio Trindade, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Enrico Zidti, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Jornalismo em pane e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 26 de março de 20.

X

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Juliano David Malaguti, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Enrico Zigi, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Jornalismo em pane

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 17 de novembro de 2021

Assinatura: Juliano Malaguti